

Os alunos de especialização em literatura & a literatura infantil e juvenil: estudo de caso

Cláudia Mentz Martins

UFRGS/CAPES-PRODOC



Com pequenas variações no modo de se expressar, os professores do Ensino Fundamental declaram que os alunos não gostam de ler ou que os alunos têm resistência à leitura. Nos últimos anos, muito se tem refletido sobre essa aparente incompatibilidade das crianças, jovens e adolescentes com os livros. As razões dessa distância são constantemente apontadas: a televisão, o videogame, o computador encabeçam a lista “dos culpados” que afastam os leitores em formação dos livros, e a causa principal parece ser o fato de oferecerem aos jovens imagens dinâmicas, velocidade na informação, interação entre o indivíduo e a máquina. Todavia, tais comentários parecem não surtir nenhum outro efeito a não ser a constatação de que o quadro se mostra, via de regra, imutável há algum tempo.

Na tentativa de minimizar esse afastamento entre o leitor – que se encontra no Ensino Fundamental – da obra literária, a escola é apontada como possuidora de um papel decisivo, e o professor de Língua Portuguesa e Literatura o responsável em realizar tal aproximação. Ou seja, cabe ao licenciado em Letras a tarefa de mediador de leitura. Porém, tal tarefa, que deveria ser desenvolvida com alguma desenvoltura por esse sujeito, acaba, não raro, se mostrando de difícil execução. Aqueles professores que atuam nos cursos de Letras nos últimos anos imaginam o motivo desse comentário: muitos dos graduandos não apresentam uma formação mínima desejável ao ingressarem no curso e outros não têm intimidade com a leitura. E essa deficiência na formação não os impede de atuar nas escolas e de os tornar ‘exemplos’ a serem seguidos pelos seus alunos.

Há aqueles profissionais que procuram o aperfeiçoamento, buscando sanar suas dificuldades, e freqüentam os cursos de especialização. Dentre os vários oferecidos aos interessados, deteremos o olhar sobre um em específico e sobre os alunos que o cursaram durante o ano de 2007. O curso de Especialização em Literatura Brasileira foi oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul à comunidade em geral: graduados em Letras ou de outros cursos que quiseram se dedicar ao estudo da

Literatura. Dentre as disciplinas ministradas, coube-nos a Literatura Infantil e Juvenil Brasileira.

A fim de darmos prosseguimento, alguns dados sobre esses alunos são importantes. Dos 29 matriculados, 20 responderam a um questionário por nós elaborado e composto de cinco questões. Esse questionário foi entregue no primeiro dia da aula da disciplina por nós ministrada e solicitamos sua resolução em 15 minutos. Os nove alunos que não participaram dessa atividade estavam ausentes nesse dia, e como não queríamos que pensassem de antemão nas respostas, não lhes foram passadas as perguntas posteriormente. Dos alunos que responderam as questões: 15 têm graduação em Letras e os demais realizaram outras habilitações: Biblioteconomia (1), Artes plásticas (2), Música (1) e Filosofia (1). A idade entre eles oscilava entre (aproximadamente) 23 a 45 anos. Nossa proposta com esse questionário era investigar a experiência de leitura de obras voltadas ao público infantil e juvenil, mais especificamente, o contato que os alunos tiveram com esse tipo de texto antes de participarem da disciplina citada. A razão disso se explica pelo fato de acreditarmos que quando um indivíduo realiza um curso de Especialização em Literatura, ele tenha uma bagagem mínima de leituras literárias consideradas fundamentais, para que aprofunde seus conhecimentos na área. Além disso, esperamos que, dentre os textos lidos, constem os pertencentes ao universo infantil e juvenil, por ajudarem o leitor a se preparar para leituras futuras. Isso se mostra para nós fundamental por acreditarmos que nenhum leitor relaciona-se passivamente com um texto, e que este precisa do contato daquele para existir, sendo-lhe indispensável a imaginação do leitor e as inferências que realiza ao longo da leitura.

Sobre o questionário apresentado, as perguntas eram as que seguem:

1. Qual/quais história/s você lembra ter escutado alguém contar?
2. Qual/quais história/s você lembra ter lido?
3. Qual história você mais gostou de ler? Por qual razão?

4. Qual personagem foi mais marcante? Explique rapidamente.
5. Considerando sua experiência de leitor, determina – de forma sucinta – o que você entende por literatura infantil e juvenil.

Antes desses itens, colocamos o seguinte pedido: “Todas as questões vinculam-se à literatura infantil e juvenil, devendo ser respondidas a partir de suas lembranças referentes até a idade de 15 anos (aproximadamente)”.

Com relação às respostas, neste trabalho, interessamos as primeiras quatro questões, pois dão conta das leituras já efetuadas pelo público analisado.

A primeira questão obteve respostas que oscilaram entre obras como *Os trabalhos de Hércules*¹ e *Alice no País das Maravilhas*, contos de fadas em geral, sendo os mais citados: *Cinderela*, *Branca de Neve*, *A Bela Adormecida*, *Três porquinhos*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Rapunzel*, *João e Maria*, *A Bela e a Fera*. Dois alunos deixaram a questão em branco, um aluno declarou “Não lembro de histórias contadas, lembro, apenas de, criança, pegar livros como *O Patinho feio* para ler ou olhar as figuras”. Já outro afirma: “Contos que promovessem a obediência infantil – Fábulas sobre o bem e o mal”. Um terceiro aluno mencionou só se lembrar de cantigas de ninar.

A segunda questão teve uma gama maior e diversa de respostas, sendo títulos de contos de fadas e maravilhosos os mais citados. Os livros da série Vaga-Lume apareceram em três questionários e num deles a resposta foi acrescida da informação “Perto dos 14 anos – toda coleção Agatha”. Seguiram-se depois obras como *Os meninos da Rua da Praia*, *As aventuras de Nárnia*, *O pequeno príncipe*, *Pollyana*, *Senhor dos Anéis*, *Huckberry Finn*, *O menino maluquinho*, *A revolução dos bichos*, *Metamorfose* (Kafka), *O cortiço*, *O Pinóquio*, *Feliz ano velho*. Os nomes dos autores, ao invés de títulos, foram utilizados em algumas fichas, por exemplo: “Monteiro Lobato”, “Livros da Ruth Rocha”, “Livros de Júlio Verne”. Respostas como “Histórias de livros didáticos” e “nenhum” também constaram.

Para a questão nº 3, os alunos variaram muito em suas explicações. Considerando-se o conjunto, podemos citar algumas que tentam justificar as razões de um livro ter sido mais marcante do que outros, tais como: “*O pequeno príncipe* – pelo inusitado – o diferente”; “*O cortiço*, devido à bagunça e desordem das pessoas que moravam naquele lugar”, “*João e Maria*. O irmão era o herói salva sua irmãzinha”, “*A Branca de Neve e os sete anões* (quando criança). Acredito que pela idéia de magia, de fantasia, ...” e “*Meu pé de laranja lima*, pois a história me emocionou tanto a ponto de eu ter lido mais de 10 vezes!”. Ao lado

dessas respostas, obtivemos “Não sei explicar” e “Todos, por razões diferentes”. Três questionários retornaram com essa pergunta sem nada escrito.

Por fim, a última questão de nosso interesse aqui, com exceção de cinco alunos que não a responderam, apontou para personagens diversas que pertencem às histórias escutadas na infância e às leituras feitas na adolescência. Dentre as respostas que se destacaram estão: “*Pollyana* – Ela estava sempre feliz”, “*O gato de botas*, adoro gatos”, “? A raposa – pela sedução” (imaginamos que seja uma referência à raposa de *O pequeno príncipe*, citado, no item 3, por esse aluno), “Acho que o próprio Zezé de *Meu pé...*, provavelmente pela sua história ao mesmo tempo tão sofrida e tão bonita”, “Fadas, pelo poder ilimitado”, “*Maria do João e Maria*. Por causa da relação com o irmão, relação que tinha em casa com o meu.” e “Lembro bem das personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*, pois olhava a TV todas as manhãs.”

Ao observarmos as respostas acima e outras que não foram por nós citadas mas que a elas se assemelham, temos a impressão de que, de modo geral, os alunos matriculados neste curso de especialização tiveram contato com vários textos infantis e juvenis e que, portanto, sua bagagem de leitura dentro desse universo se mostra satisfatória. Todavia, com o decorrer das aulas, obtivemos algumas surpresas. Por exemplo, ao pedirmos que fosse realizado um breve relato do enredo de *A Bela Adormecida*, nenhum aluno conseguiu fazê-lo por completo. Por se tratar de uma atividade solicitada durante uma aula expositiva, vários alunos acrescentaram episódios aos que eram mencionados pelos colegas e, por vezes, a protagonista apareceu presa numa torre com longas tranças que saíam pela janela e, em outras, estava adormecida numa caixa de vidro num bosque. Em outras histórias, ficou evidente que a lembrança dos alunos estava vinculada não à leitura dos livros, mas às produções da Disney e às da Rede Globo, servindo de ilustração vários contos de fadas e as narrativas de Monteiro Lobato, respectivamente.

Apesar de um só aluno ter admitido, numa das respostas do questionário, ter como referência principal as narrativas que assistia na televisão, ficou evidente que muito do diálogo estabelecido com os alunos era resultado dos desenhos e filmes assistidos no cinema, no DVD e na televisão. A percepção desse tipo de contato dos alunos com as histórias, isto é, via outro suporte que não o livro, como se pode imaginar, se deu a partir de comentários a respeito de personagens que só existem nas películas, de características das personagens que foram ligeiramente alteradas nos desenhos, de episódios que não existem nos livros, mas que foram acrescentados nas séries.

Nosso intento não é criticar tais produções, nem repreender os alunos de assistir a esses filmes, mas de propor uma reflexão: como esses indivíduos, na sua maioria professores de Língua Portuguesa e Literatura no

¹ Salientamos que as respostas serão reproduzidas fielmente àquelas dadas pelos alunos, sem correções de qualquer ordem.

Ensino Fundamental da rede pública e privada de Porto Alegre e Região Metropolitana, podem desempenhar o papel de mediadores entre seus alunos e os livros se eles próprios não têm intimidade com esse objeto? Como podemos esperar que eles divulguem a experiência de ler um livro se eles próprios conhecem várias narrativas, que foram originalmente divulgadas por meio do texto escrito, através de outros suportes e só por esses? Como podem esses professores se queixar de que seus alunos não gostam de ler e de que têm resistência à leitura se tal ocorre com eles? E, por fim – sem que essa seja a última indagação a nos afligir – será que não é o momento de aceitar sem mais pudores a idéia de que todo o aparato tecnológico presente nas escolas e nos lares dos sujeitos deve ser utilizado na sua aproximação com as narrativas e, por conseqüência, com a literatura?

Essas indagações que parecem nos encaminhar a uma série de questionamentos quase infundáveis nos levam a considerar que talvez o cerne do ‘problema’ seja outro. A leitura literária, que parece tão distante do indivíduo, talvez esteja precisando de um novo caminho para que se (re)estabeleça a relação obra/leitor. Pensar nesse elo sob uma nova perspectiva, exige que repensemos a idéia de mediação, ou mais explicitamente, de como

ela será realizada considerando-se que um dos integrantes do processo passará a ser a televisão, o cinema, o computador (as multimídias de modo geral), além do livro. Ou ainda, a integração entre alguns deles. A fim de que essa mudança se torne possível, é necessário não esquecermos de que o livro é apenas um intermediário que está sendo paulatinamente substituído por outros meios, dando seqüência à história da leitura. Afinal, recordemos que antes do livro havia o pergaminho e, antes desse, o papiro. Todos com a mesma finalidade, registrar e contar histórias.

Provavelmente, aqueles alunos da Especialização em Literatura Brasileira que responderam ao nosso questionário exemplifiquem os indivíduos que estão vivenciando tal processo, mesmo sem perceberem isso. Ou seria impensável que eles lêem narrativas diversas disponibilizadas na rede Internet? Com certeza não. Muito mais proveitoso para o resgate e manutenção do par leitor/obra seja instrumentá-los a lidar com essa realidade que se vai figurando e que foi apontada acima do que lhes exigir que tratem o livro como um objeto insubstituível. A título de término, salientamos que não é nossa intenção pregar ou anunciar o final do livro, apenas julgamos que ele não precisa ser venerado e considerado o único meio de aproximar o sujeito da obra literária.